



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/12/2017 a 14/12/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/12/2017	9,89	330,00	33,54	3,92	3,40
11/12/2017	9,82	326,00	33,40	3,87	3,36
12/12/2017	9,75	322,90	33,36	3,87	3,35
13/12/2017	9,79	325,10	33,11	3,92	3,36
14/12/2017	9,67	321,20	33,02	3,95	3,36
Média	9,78	325,04	33,29	3,91	3,37

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	71,67	2,17
RS - Santa Rosa	70,67	1,61
RS - Ijuí	70,67	1,61
PR - Cascavel	71,35	0,92
MT - Rondonópolis	65,70	-0,15
MS - Ponta Porá	67,64	1,71
GO - Rio Verde (CIF)	69,30	1,32
BA - Barreiras (CIF)	66,80	1,37
MILHO		
Argentina (FOB)**	156,80	0,64
Paraguai (FOB)**	120,00	0,00
Paraguai (CIF)**	159,00	0,00
RS - Erechim	31,50	0,00
SC - Chapecó	30,40	1,33
PR - Cascavel	28,00	1,82
PR - Maringá	27,60	4,15
MT - Rondonópolis	21,50	0,00
MS - Dourados	23,00	0,00
SP - Mogiana	30,10	3,08
SP - Campinas (CIF)	32,60	2,52
GO - Goiânia	27,90	0,36
MG - Uberlândia	31,50	1,94
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	610,00	0,00
RS - Santa Rosa	610,00	0,00
PR - Maringá	690,00	0,00
PR - Cascavel	685,00	0,00

Período entre 08/12/2017 a 14/12/17

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/12/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	27,30	65,23	30,30

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/12/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,65
Feijão (saco 60 Kg)	129,71
Sorgo (saco 60 Kg)	20,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,26
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,92
Boi gordo (Kg vivo)*	4,76

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja cederam nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (14) em US\$ 9,67, após US\$ 9,92 uma semana antes. A partir do dia 15/12 o primeiro mês cotado passa a ser janeiro, o qual fechou em US\$ 9,78/bushel nesta quinta-feira (14).

A possibilidade de chuvas razoáveis nas regiões produtoras da Argentina e do sul do Brasil, associada a um relatório de oferta e demanda do USDA de neutro a baixista, divulgado no dia 12/12, deram o tom do mercado nesta semana.

Em termos de chuvas, há expectativa de que a partir deste dia 14/12 e durante boa parte da segunda quinzena de dezembro, as regiões do sul da América do Sul venham a receber bons volumes, fato que permitirá a recuperação da soja já semeada e o avanço do plantio restante na Argentina. Dito isto, há muita controvérsia entre os meteorologistas, com muitos deles considerando que tais chuvas possam ser de baixos volumes e esporádicas. É preciso esperar um pouco mais para se ter uma ideia clara de como será este comportamento climático de final de ano na região.

Quanto ao relatório do USDA, o mesmo não trouxe muitas novidades. A produção final dos EUA foi confirmada em 120,4 milhões de toneladas, e as projeções de safra para o Brasil e a Argentina foram mantidas em 108 e 57 milhões de toneladas respectivamente. Já a demanda chinesa foi mantida em 97 milhões de toneladas para o ano 2017/18. As novidades foram os aumentos nos estoques finais dos EUA, com o mesmo passando para 12,1 milhões de toneladas no corrente ano comercial, e do mundo, com o mesmo avançando para 98,3 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio no ano, para os produtores dos EUA, ficou entre US\$ 8,60 e US\$ 10,00/bushel.

Pesou igualmente sobre o mercado a liquidação de contratos de soja por parte dos Fundos, os quais se mantêm muito voláteis neste momento em razão das dúvidas sobre o clima sul-americano.

Por sua vez, enquanto grandes operadores de commodities agrícolas se posicionam baixistas quanto aos preços futuros, salvo a ocorrência de alguma frustração climática, o Banco de Investimento Goldman Sachs reafirma sua posição altista para 2018, chegando a prever um aumento de 10% em seus preços internacionais, incluindo a soja, em função da recuperação do PIB dos países emergentes. Obviamente, se o clima se tornar um problema maior nas próximas semanas é certo que a soja, por exemplo, verá seu preço mundial subir. Pensando nisto, muitos Fundos estariam entrando na ponta compradora de contratos neste final de ano.

Na Argentina, o plantio chegou a 56% da área no dia 07/12, contra 61% no mesmo período do ano passado. Já a comercialização da safra 2016/17 atingiu a 71% do total até o dia 29/11.

No Brasil, o câmbio voltou a desvalorizar o Real, com a moeda nacional batendo em R\$ 3,34 por dólar no dia 14/12, mesmo com intervenção do Banco Central brasileiro visando segurar a moeda ao redor de R\$ 3,30. Este fato favoreceu a uma melhoria no preço da soja local. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 65,23/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 69,50 e R\$ 70,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 59,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 72,00/saco em

Campos Novos (SC), passando por R\$ 71,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 62,00 em São Gabriel e Chapadão do Sul (MS); R\$ 65,00 em Goiatuba (GO); R\$ 66,50 em Uruçuí (PI); e R\$ 63,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Já a comercialização da safra passada, até o dia 08/12, atingia a 93% do total no país, contra 95% na média histórica. No Rio Grande do Sul a mesma chegava a 81%, contra 89% na média; no Paraná em 92%, ficando dentro da média histórica; e no Mato Grosso em 96%, contra 99% na média histórica. Santa Catarina registra as menores vendas, com 76% do volume colhido, contra 91% na média histórica para esta data do ano.

Quanto a comercialização antecipada da nova safra, que acaba de ser semeada, o quadro era o seguinte no dia 08/12: no Brasil, 27% comercializado, contra 33% na média histórica; no Rio Grande do Sul 15%, contra 22% na média; no Paraná 20%, contra 22%; no Mato Grosso 32%, contra 42%; no Mato Grosso do Sul 24%, contra 30%; em Goiás 28%, contra 40%; em São Paulo 25%, contra 24% na média; em Minas Gerais 28%, contra 32% na média; na Bahia 28%, contra 41%; e em Santa Catarina 18%, contra 19% na média histórica para esta época do ano.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 23/11/2017 a 14/12/2017.

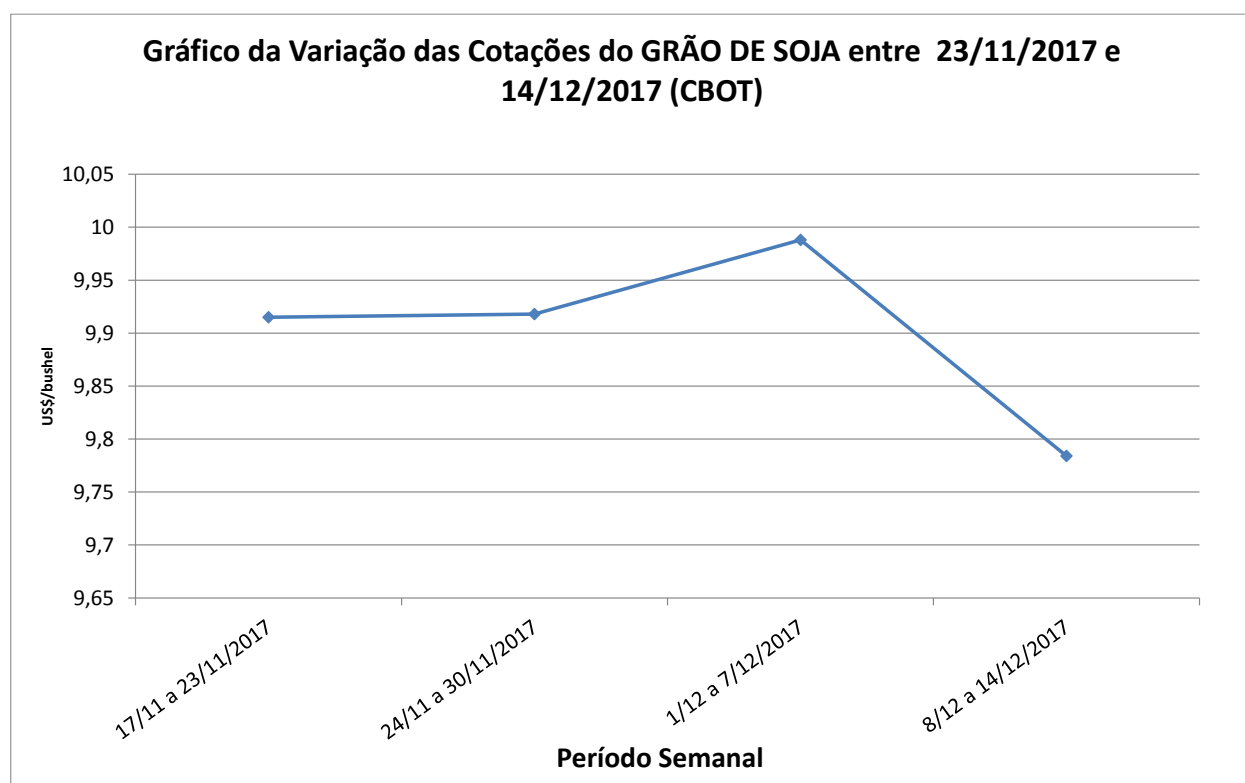


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 23/11 e 14/12/2017 (CBOT)

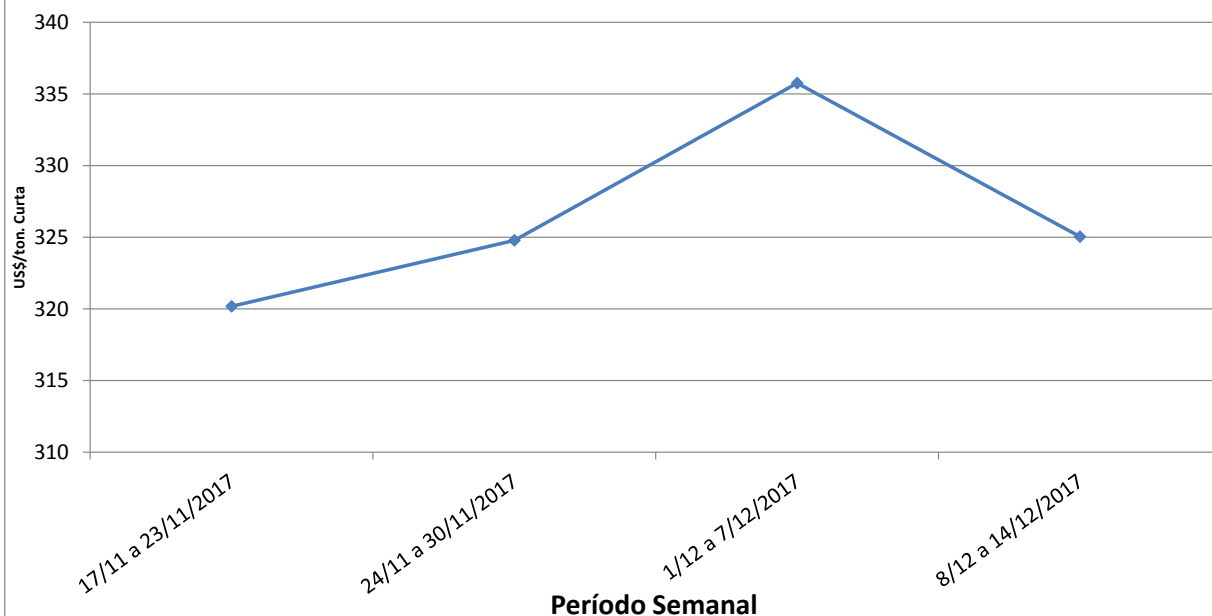
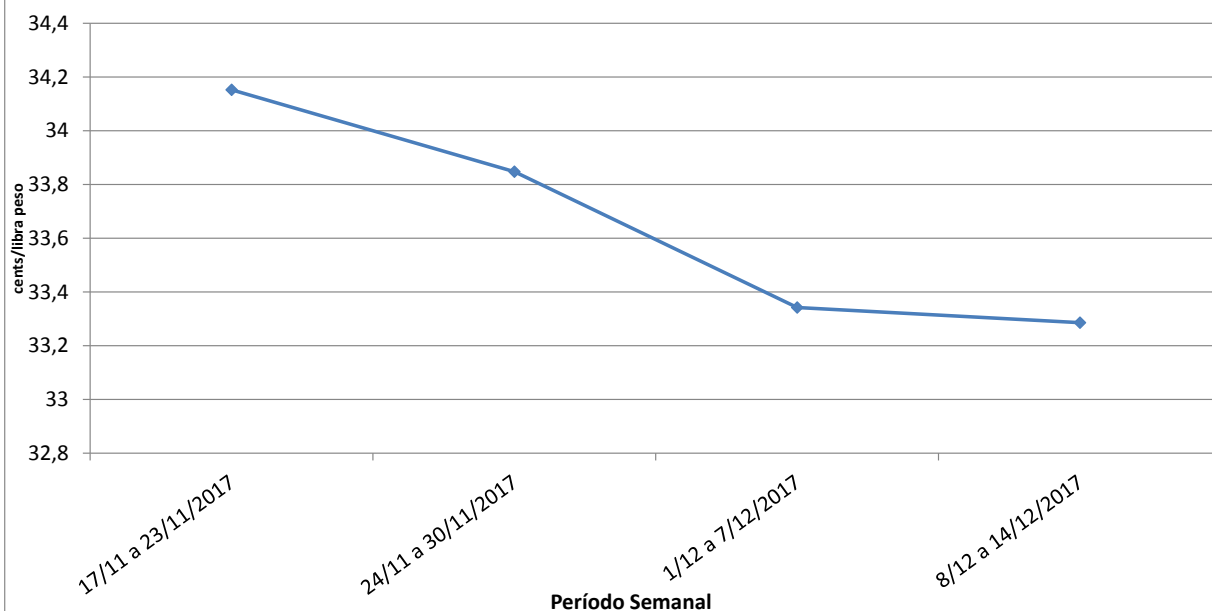


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 23/11 e 14/12/2017 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se mantiveram praticamente estáveis em relação a semana anterior, com o fechamento desta quinta-feira (14) ficando em US\$ 3,36/bushel, após US\$ 3,38 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe surpresas. O mesmo confirmou a safra estadunidense em 370,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais dos EUA foram reduzidos para 61,9 milhões de toneladas. Já em termos mundiais, a produção global foi levemente aumentada para 1,045 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais para 2017/18 aumentaram para 204,1 milhões de toneladas. A produção do Brasil foi mantida em 95 milhões de toneladas e a da Argentina em 42 milhões. Neste contexto, os preços médios nos EUA deverão oscilar entre US\$ 2,85 e US\$ 3,55/bushel no corrente ano comercial.

Afora isso, embora o clima na América do Sul cause preocupação, o mercado se concentrou mais, momentaneamente, no grande volume de milho que ainda existe nos EUA, oriundo da última safra. Isso porque as exportações continuam lentas. As vendas líquidas estadunidenses, no ano comercial 2017/18, iniciado em 1º de setembro, ficaram em 876.400 toneladas na semana encerrada em 30/11, sendo 30% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 156,00 e US\$ 120,00 respectivamente.

Aqui no Brasil os preços melhoraram um pouco, puxados pela forte desvalorização do Real, o qual chegou a atingir a R\$ 3,34. Tal situação favorece a exportação do cereal nacional.

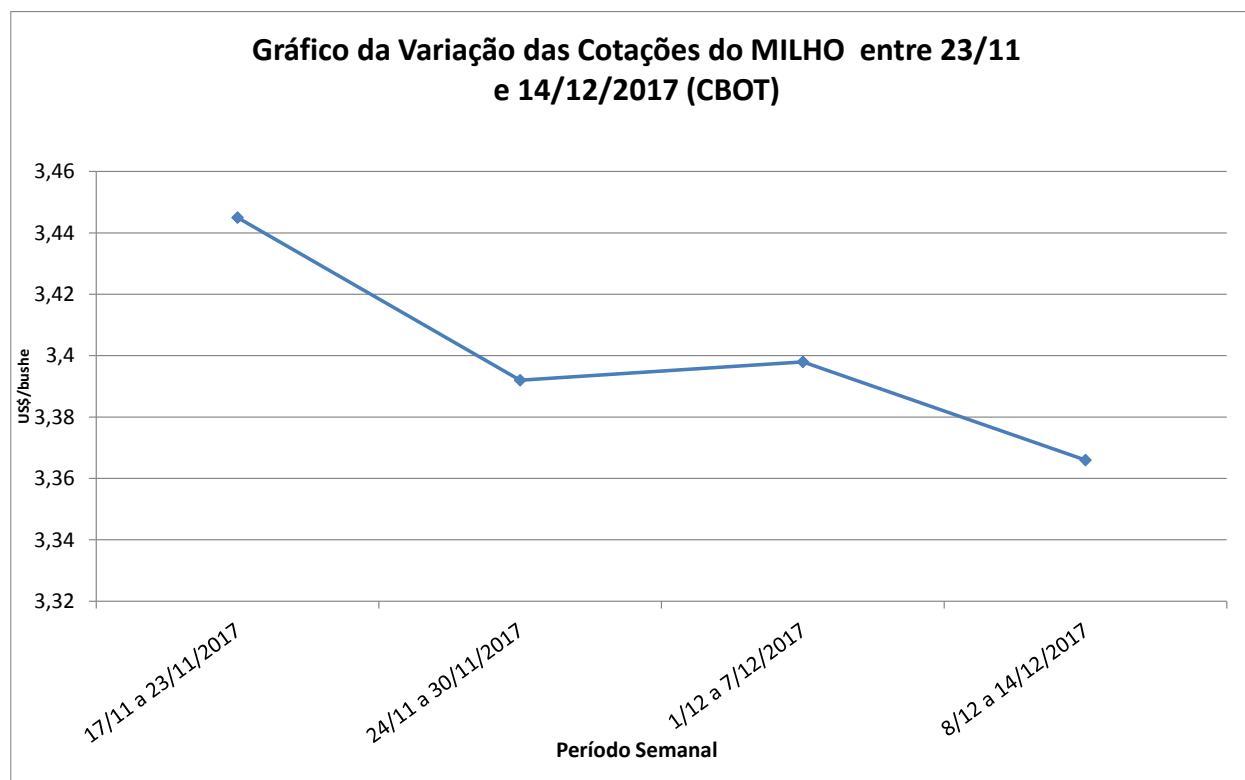
Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 27,30/saco, enquanto os lotes permaneceram entre R\$ 30,00 e R\$ 31,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 16,50/saco em Sapezal, Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT), e R\$ 35,50 em Itahandu (MG), passando por R\$ 31,00/saco em Videira (SC). Na Sorocabana paulista o mercado trabalhou com R\$ 30,00/saco no final da semana, enquanto o referencial Campinas (SP) ficou entre R\$ 33,50 e R\$ 34,00/saco no CIF disponível.

Com a melhoria dos preços, em função do câmbio, os produtores paulistas e de outros Estados, que ainda possuem milho estocado, voltaram a segurar o produto, deixando os consumidores mais necessitados em dificuldades.

Quanto as exportações, o mês de novembro fechou com um volume de apenas 3,52 milhões de toneladas vendidas ao exterior, sendo este o volume mais baixo desde julho passado. Em outubro o país ainda tinha vendido 5,03 milhões. Nas duas primeiras semanas de dezembro o volume exportado ficou em apenas 1,42 milhão de toneladas. Ou seja, desde outubro as exportações vêm minguando em volume, deixando estoques consideráveis para o novo ano comercial, já que o país precisaria exportar em torno de 6 a 7 milhões de toneladas mensais, a contar de agosto, para aliviar os estoques.

Neste contexto, mesmo com a forte redução na área semeada de verão, em não havendo problemas climáticos maiores, a pressão destes estoques e a entrada da nova safra, somados, tende a forçar novas baixas no preço do milho brasileiro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 23/11/2017 a 14/12/2017.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago continuaram abaixo dos US\$ 4,00/bushel durante a semana, fechando o dia 14/12 (quinta-feira) em US\$ 3,95, após US\$ 3,94/bushel uma semana antes.

O mercado encontra poucos motivos altistas. O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/12, manteve a produção estadunidense de 2017/18 em 47,4 milhões de toneladas, porém, aumentou os estoques finais daquele país para 26,1 milhões de toneladas. Já a produção mundial foi acrescida de quatro milhões de toneladas, em relação a novembro, ficando em 755,2 milhões de toneladas. Por sua vez, os estoques finais mundiais subiram para 268,4 milhões de toneladas. Diante de tal quadro, os preços médios aos produtores dos EUA, para o ano 2017/18, ficam agora no patamar de US\$ 4,50 a US\$ 4,70/bushel, ou seja, bem acima do que está sendo atualmente praticado em Chicago.

Afora isso, a ampla oferta mundial, confirmada no relatório, e a perda de competitividade do trigo dos EUA não permitiram reação das cotações.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação se manteve entre US\$ 180,00 e US\$ 200,00 na compra.

Já no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, voltando a surgir um viés de alta, especialmente para o trigo de qualidade superior, devido a forte desvalorização do Real durante a semana. A mesma deixa o trigo importado mais caro, levando a maior procura pelo pouco que existe no mercado nacional.

Mesmo assim, a comercialização se deu em ritmo lento nesta semana, com o mercado esperando um melhor posicionamento do câmbio. Afinal, o Banco Central brasileiro teve que intervir neste mercado visando segurar a moeda nacional ao redor de R\$ 3,30.

Por outro lado, os moinhos nacionais estão bem abastecidos, além de o final de ano se aproximando, momento em que as indústrias apresentam pouca movimentação de negócios.

Paralelamente, a colheita na Argentina avança, tendo atingido a 46% da área no início da atual semana, estando um pouco mais avançada do que o registrado em igual período do ano passado.

Por sua vez, o mercado deve voltar a aquecer um pouco mais após o primeiro bimestre de 2018, quando a safra argentina já estiver colhida e os negócios com o vizinho país mais encaminhados. Desta forma, mesmo com o câmbio muito volátil neste momento, não se espera grandes modificações de preços nas próximas semanas.

No quadro geral, vai se confirmando que o câmbio será o balizador do comportamento dos preços futuros do trigo. Em o mesmo se mantendo na linha de desvalorização do Real, devido as dificuldades de o governo brasileiro passar a reforma da previdência e da proximidade das eleições gerais, há condições de os preços do trigo nacional melhorarem até março e mesmo depois. Caso contrário, as importações serão mais atrativas e os preços locais encontrarão dificuldades para subirem além dos atuais patamares. Não podemos esquecer que neste ano grande parte da safra nacional de trigo é de qualidade inferior, portanto, de baixo valor.

Enfim, segundo a Emater gaúcha, a quebra da safra gaúcha em 2017 foi de 52%, com o volume final ficando ao redor de 1,2 milhão de toneladas. A produtividade média recuou 47% em relação ao ano anterior, isso sem falar na queda de qualidade do produto colhido.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 23/11/2017 a 14/12/2017.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 23/11 e 14/12/2017 (CBOT)

